

«O amor constroi. O ódio destrói. O ódio só serve para desagregar, desorganizar a vida social e, no máximo fazer pressão sobre os fracos, sem nada edificar».

JOÃO PAULO II na homilia de 12 deste mês, em S. João de Latrão.

A Voz de LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 5\$00)

N.º 704

ANO XXVI

7-12-78

Composição e Impressão
«GRÁFICA EDITORA»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRÁFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes de Costa
Telef. 6 26 36 LOULÉ

PORTUGAL EUROPEU É UNIVERSALISTA POR VOCAÇÃO

Que nos perdoem os «positivistas» e os «cartesianos» menos tolerantes se no introito deste apontamento começamos por um truismo: Portugal, geograficamente, sempre pertenceu à Europa. Também, em determinado sentido, na acepção histórica (vidé a metodologia em que a História se compartimenta) em que o seu passado, afastado e próximo, se dimensionou, pertenceu sempre ao velho Continente.

Será agora, na oportunidade em que as afinidades político-ideológicas além-fronteiras mais convergem, será no momento em que a consciência da sua ancestralidade europeia e da solidão terceiro-mundista mais se avivam e despertam, será na conjuntura actual de aperto económico ainda na fase virulenta, que Portugal procura, com determinação um lugar estável na Comunidade Europeia.

Para tutelar a integração de Portugal na CEE, desenha a nossa velha aliada, a Inglaterra, um estimável e firme apoio, compreendendo não só o desígnio nacional, como também a importância que para o bloco europeu se reveste tal adesão.

Mas não são descurados, ou olvidados, entretanto, os sérios

obstáculos de proveniência interna que obstem à materialização desse raro objectivo.

O principal situa-se nos sectores industrial e agrícola, longe ainda de se equipararem aos padrões produtivos europeus, e que implicarão, necessária e imperiosamente, na remodelação e adaptação profunda das suas estruturas e na sua reciclagem.

Outro obstáculo, localizar-se-á, a nosso ver, na mentalização democrática do País, ainda imatura e ainda às voltas com indefinições, radicalismos, rivalidades

(continua na pág. 2)

POSSE DO IV GOVERNO CONSTITUCIONAL

O Presidente da República, General Ramalho Eanes, conferiu posse em 22 de Novembro de 1978, no Palácio da Ajuda, ao elenco ministerial do IV Governo Constitucional, constituído pelos seguintes membros:

— Primeiro-Ministro: Prof. Dr. Carlos Alberto da Mota Pinto.

— Vice-Primeiro-Ministro para os Assuntos Económicos e Integração Europeia: Prof. Dr. Manuel Jacinto Nunes. Acumula com o Ministério das Finanças e do Plano;

— Ministro da Defesa: Tenente-

(continua na pág. 7)

PEDRO DE FREITAS

por
— J. PIEDADE JÚNIOR —

Conheci este «rapaz» teria ele ultrapassado já a casa dos setenta... E dou graças por, ainda que já tarde, havê-lo topado no meu caminho.

É que encontrei nele um homem simples, sem peneiras... Um homem, enfim, que é simultaneamente um homem de bem. Um homem, pois, como aqueles que se contam actualmente pelos dedos...

Tendo frequentado apenas a escola primária, então mais primária que actualmente, Pedro de Freitas teve, como eu e como tantos outros, de se cultivar a si próprio, lendo e relendo, e extraindo depois do que lia e relia um

resumo das teorias com que ia contactando.

E assim, mercê do seu espírito assimilador, que enriqueceu, adquiriu a possibilidade de transmitir aos outros, pela escrita, o que arrecadando ao longo dos anos, valorizando-o.

E foi assim que ele se fez jornalista e foi assim que ele se fez igualmente escritor e também musicólogo.

Na prefácio que redigiu para os «Quadros de Loulé antigo» diz Raul Pinto: «Pedro de Freitas, loulitano cem por cento, a quem, com certa verdade chamávamos, quando revisor da C. P., «embaixador de Loulé nos Caminhos de Ferro, quer deixar uma obra de exaltação da sua e nossa terra».

Que foi aquilo afinal que ele sempre procurou fazer e que foi engrandecer, não só a seus olhos, como igualmente a olhos alheios, o torrão donde era natural e donde saiu um dia já homem, homem apto a governar a vida.

Mas vejamos o que sobre Pedro de Freitas diz também o «Povo Algarvio», de Tavira, que foi o periódico onde primeiro saíram publicados os «Quadros de Loulé»; «Loulitano de geração, ele sente na alma o fervor pela Mãe Soberana e vibra emocionado pelo bairrismo inquebrantável que é bem da sua terra».

E é esta sua terra, e a mesma, que reconhecia ao filho que tanto a tem louvado e enaltecido, que acaba de prestar-lhe a homenagem que lhe devia, dando a uma das suas ruas o nome dum de seus filhos, o que significando um simples, um mero acto de justiça, é simultaneamente uma prova do justo apreço em que o homenageado é tido na bonita terra em que nasceu.

A «NECKERMANN» aposta no turismo de estação baixa

Realizou-se no passado dia 23 de Novembro, nas instalações do Hotel Eva, em Faro, uma conferência da imprensa, na qual dois representantes da agência de viagens alemã, Neckermann, deram a conhecer os quês e os porquês da sua presença em força na dinamização do turismo algarvio.

Efectivamente, aquela empresa divulgou os seus planos de promoção e canalização turística, no sentido da Alemanha para o nosso país, e os seus porta-vozes fri-

saram sobretudo, o seu grande interesse em fomentar a procura na nossa malfadada estação baixa, para o que, só em propaganda, orgamntam um investimento na ordem dos três milhões de marcos, o que diz bem da capacidade e da vontade destes operadores.

E foi também nesse sentido, que a Neckermann fez deslocar, de 24 a 26 do mês passado, cerca de 100 jornalistas alemães, que

(continua na pág. 2)

Implantação do Código Postal

Tal como vem sucedendo com as administrações postais de outros países, também em Portugal a Empresa Pública CTT deparou com a necessidade de utilizar novos processos de trabalho, nos seus serviços de correio, recorrendo a sistemas modernos de tecnologia postal que possibilitem uma melhor racionalização e facultem a consequente melhoria dos serviços que se prestam ao público.

Foi nessa linha de pensamento que já em 1973 se desencadeou uma vasta campanha de informação sobre a obrigatoriedade de normalização dos formatos das correspondências até 20 grs. de peso, campanha essa para a qual, então, foi solicitada a colaboração dos industriais ligados à fabricação de papel, sobrescritos e outras actividades inerentes, aliás prestada com excelente espírito de entendimento.

Presentemente, defronta-se a referida Empresa Pública com a implantação do código postal, inovação que muito brevemente entrará em vigor e que representa o passo imediato e essencial para que possam utilizar agora as vantagens significativas da mecanização e da automatização.

Aquele código é constituído por um grupo de 4 algarismos, ao qual se segue o nome da localidade considerada centro de dis-

(continua na pág. 2)

CRIAÇÃO DO MUSEU DE LOULÉ

suscita referências encomiosas

Do nosso prezado assinante sr. Carlos Neves Simões, recebemos uma carta contendo alusões con-

gratulatorias pela iniciativa conducente à criação do Museu Arqueológico e Etnográfico de Loulé, além de outros considerando merecedores da melhor audição.

Pelo contexto que encerra a referida carta torna-se credora de inteira transcrição:

Ex.mo Senhor Director
«Li hoje no jornal que dirige a notícia da criação do Museu Arqueológico e Etnográfico de Loulé.

Para estes tempos que correm cujas as notícias são várias, mas que têm excluído, pela não existência, de iniciativas das que re-

(continua na pág. 2)

Educação e Ensino

A educação e ensino é dos domínios mais complexos das ciências humanas e sociais, porquanto implica conhecimentos empíricos e científicos vastos e actualizados.

No nosso país, atendendo ao atraso na promoção e execução

de reformas condicentes com os conhecimentos adquiridos e as necessidades impostas, encontramos-nos numa fase em que se tenta dar os primeiros passos no processo de actualização duma educação e ensino a nível con-

(continua na pág. 2)

MAIS UM INOLVIDÁVEL CONCERTO
DA BANDA DA GNR
EM LOULÉ

(VER PAGINA 7)

Portugal europeu é universalista por vocação

(continuação da pág. 1)
mesquinhas e cições, contrárias à estabilidade governativa, e por conseguinte pouco favoráveis à indispensável e urgente recuperação económico-financeira.

Ninguém, todavia, por pouco optimista que seja, põe em dúvida que a seu tempo Portugal fará, por fim, a sua aparição no seio do grémio europeu, tornando-se oficialmente um dos seus representativos membros.

Será este o resultado lógico que culminará decerto as diligências em grande estilo desenvolvidas pela nossa diplomacia.

Mas, ponderando bem as realidades, a idiossincrasia, o pendor, os sentimentos, as raízes e laços históricos profundos, não podemos nem acreditamos que Portugal se confine a simples parceiro europeu.

Mais, Portugal (e aqui neste Portugal cabem todos os estratos populacionais sediados no País ou espalhados pelo Mundo), tem como todos nós sabemos, a propensão universalista que jamais será diluída pelos imperati-

vos de circunstância e pelas demarcações parcelares, se bem que complementares e imprescindíveis à sua identificação até mesmo consentâneas com as suas vitais conveniências de sobrevivência, e suas obrigações de solidariedade e reciprocidade.

O Portugal Europeu, não será mais do que o enriquecimento da sua fisionomia, com um troço adicional, de que se sentia desfigurado pelo isolacionismo e divórcio em que viveu durante várias décadas.

Agora, depois de uma viragem histórica, ainda que também dramática e dolorosa (há feridas não cicatrizáveis e lágrimas irreprimíveis a borbulharem), mais do que nunca, Portugal é responsável pela condução de uma linha política tão universalista quanto pluralista, frente a todos os países do globo e em especial aos países de expressão portuguesa que ascenderam à independência, adquirindo assim, como qualquer outro, identidade, dignidade e personalidade próprias.

Neste capítulo, tem Portugal um lugar de dialogante privilegiado, tal como tem sido salientado pelos governantes mais lúcidos, que deverá ser permanentemente assegurado por esclarecidas relações a consolidar na justa medida da compreensão mútua e confiança conseguidas.

Outros países há a considerar, se pode dizer na escala das aproximações, umas preconizadas pelo surto emigratório, outras pela miscigenação e pelas afinidades congénitas a preservar.

Para lá das suas acanhadas fronteiras territoriais, da sua localização geográfica, do seu reencontro amistoso com a Europa democrática, das suas próprias dificuldades e vicissitudes, Portugal não pode esquecer o seu relevante papel de medianoite, que incumbe desempenhar-se, no concerto mundial das Nações.

É esse papel, que lhe confere o autêntico semblante universalista, aquele que traduz mais fielmente a sua maneira de ser e de estar, aquele que supera, em última instância e de longe, a adjectivação etnocêntrica.

Portugal é, com efeito, universalista por temperamento e por força indestrutível dos factos.

J. C. VIEGAS

AGRADECIMENTO

A família de Mário Alves Vieira, falecido em 29 de Setembro de 1978, na impossibilidade de pessoalmente o poderem fazer, agradece por este meio, muito reconhecidamente, a todas as pessoas que tiveram a bondade de se incorporar no seu funeral e ainda às que se dignaram dirigir-se por correspondência, apresentando condolências.

Implantação do Código Postal

(continuação da pág. 1)

tribuição postal e que, dentro em breve, passará a fazer parte integrante do endereço ou morada de cada um de nós.

Naturalmente que os CTT irão desencadear uma grande acção esclarecedora junto do público, com vista a obter dele a desejável identificação com as novas formas de endereçamento.

Haverá toda a conveniência, portanto, que a codificação dos endereços venha a generalizar-se e que surja tanto nos sobrescritos, como no papel de cartas, nos cartazes, anúncios, cartões de visita, etc..

Facilitando a tarefa mecanográfica dos CTT, que implica na utilização correcta dos códigos correspondentes às moradas, possibilita-se a melhoria visada dos seus serviços, que em última análise, revida em vantagem do público utente, que somos todos nós.

Está sempre disponível para ser útil. O que mais importa na vida é o que fazemos pelo nosso semelhante.

CRIAÇÃO DO MUSEU DE LOULÉ SUSCITA REFERÊNCIAS ENCOMIOSAS

(continuação da pág. 1)

gistamos, é caso para nos alegrarmos e desejarmos que o Museu seja uma realidade bem breve.

Este nosso Algarve está mesmo carecido de cidadãos conscientes do valor cultural e patrimonial dos nossos monumentos.

Por sinal, sendo o concelho de Loulé o mais vasto do Algarve, é, também, o mais rico em monumentos Pré-Históricos e mais recentes.

A preservação e divulgação da Arte e Cultura cada vez vem encontrando os caminhos mais difíceis para a sua concretização.

As Autarquias, como órgãos locais, têm de desempenhar uma missão cada vez mais actuante. Bem sabemos que muitas se constituíram e, consequentemente, o pelouro da Cultura e Desporto foi deixado ou tratado como um bastardo na ordem social. É um pelouro bem diferente do das Obras, Saneamento, etc., já que estes são obras palpáveis em que os munícipes tocam com elas diariamente.

Também não basta criar meios de Cultura se os responsáveis não forem verdadeiros Animadores Culturais, quanto mais não seja facilitando, resolvendo e concedendo meios para os que estão dispostos a trabalharem para o bem comum.

Amendoeiras prontas a plantar

Vende: Manuel Neto Martins.

Sítio da Perna Seca — ALTE.

(3-1)

ARMAZÉNS ALUGAM-SE

Situados na R. dos Combatentes da Grande Guerra. Informa na mesma rua no n.º 54, em Loulé.

Educação e ensino

(continuação da pág. 1)

temporâneo e democrático, isto é fazem-se ensaios de acordo com os parcos meios e conhecimentos gerais.

As dificuldades são grandes pelo atraso em que nos encontramos, resultante das anteriores situações e da presentemente vivida. No entanto urge tomar consciência da gravidade, reflectir e apressar por iniciativas, de molde a diminuir o desnível entre o o nosso índice educacional e instrutivo e o dos países da C. E. E., a qual por diversos condicionamentos e opção nos iremos inserir.

Sendo a educação e ensino a base para a formação sócio-cultural dum povo, deve merecer do Governo da Nação, maior atenção e estudo, maiores investimentos, a fim de reduzir gradativamente e quanto possível as carências existentes, tanto em meios como em elementos e instrumentos.

O país debate-se afilivamente com uma crise global, com reflexos alarmantes no domínio da educação e ensino, o que é natural, o contrário seria estranho.

Se existe crise económica, social e política, forçosamente existirá crise de educação e ensino, por consequência.

Em relação ao nosso Estado, foi a crise política, que denegriu

a crise económica e social e, por consequência a crise de educação e ensino já manifesta, igualmente se agudizou.

Perante uma situação nacional tão dramática, que é do conhecimento de todos importa despertar os sentimentos e consciencializar, para uma tomada de posição frontal e combate, em todos os domínios, para não sucumbirmos por inércia, inaptidão, desajustamento, instabilidade, insocialização e insconsciencialização do sentimento uno pátrio nacional.

Manuel B. Filipe Viegas

A «Neckermann» aposta no turismo de estação baixa

(continuação da pág. 1)

na nossa província se inteiraram «in loco», com vistas a mostrar ao potencial turista alemão, a realidade da nossa província, por dentro e por fora.

Instados, na devida oportunidade, a pronunciarem-se sobre a questão, os representantes da Neckermann garantiram que a esmagadora parte dos custos totais em divisas gastas pelos turistas canalizados por aquela organização, ficam mesmo em Portugal. Isto, ao contrário de certos operadores internacionais que nos enviam turistas com todas as despesas pagas, no país de origem, montantes esses, de divisas, que não chegam a dar entrada em Portugal à excepção do essencial para pagamentos de ordenados, de impostos e manutenção corrente.

Enfim, deste contacto com estes empresários alemães, ficou a sensação de que se procura uma lisura de processos, dentro de um natural interesse de exploração, que, sendo o interesse deles, em particular, acaba por ser, também, o nosso interesse em geral.

Arbitrou, e desdobrou-se com o à-vontade habitual nas funções de tradutor, e homem que respira Turismo por todos os poros, Cabrita Neto, que no final, nos diria, com conhecimento de causa, ser o turista alemão, um dos que mais despesa faz em Portugal. Pois então... que venham! Que venham!

JOSÉ MANUEL MENDES

VAI A LISBOA?

Hospede-se no HOTEL LIS, de 2 estrelas.

Situado na Avenida da Liberdade, 180.

Telefs. 537771 e 563434.

Quartos com aquecimento, banho, telefone e com baixos preços.

(8-3)

CASA — VENDE-SE

Vende-se uma casa, situada na Rua da Piedade, com 7 divisões, armazéns e varanda.

Para mais detalhes, tratar pelo telefone 42147 — SILVES.

MOBÍLIAS — MOBÍLIAS

MOBÍLIAS DE ALTA QUALIDADE A BAIXO PREÇO

Grande stock de móveis em todos os estilos, lustres, candeeiros e alcatifas

CASA SIMÃO

A MOBILADORA

ANTÓNIO SIMÃO VIEGAS, LDA. — Telef. 62110

Exposição e Venda:

Av. Marçal Pacheco, 34 e 33 a 51

Salão de Exposição:

Praça da República, 8

Depósitos:

R. General Humberto Delgado e na R. Manuel Guerreiro Pereira em Loulé.

COM UMA VASTA GAMA DE RELOJOARIA MODERNA E PRATAS, ABRIU AO PÚBLICO A

Relojoaria Mestre

— de —

JOSÉ MARIA MESTRE & IRMÃO

CONCERTOS COM A MÁXIMA PERFEIÇÃO E RAPIDEZ COM GARANTIA

★

Rua 5 de Outubro, 93 (vulgo Rua das Lojas)

LOULÉ

(2-1)

Uma chávena de chá

Crónica de
LUÍS PEREIRA

Enquanto uns gozam os formosos dias do poderio, só os ministros podem beber vinho, os militares andar de automóvel e os deputados comer bife de vaca, os outros, o Povo que já foi nacionalizado, deles, encontra em tudo e por toda a parte, a palavra: PROIBIDO.

O que é festejado por uns é uma fronteira para outros. Enquanto uns poupam e emprestam, outros gastam e pedem. É desgostoso quando o ordenado do mês é para uns um cabaz de compras e para outros uma cesta de empréstimos. É então, que medito neste leito de agonia, onde a verdade e a justiça são um diploma que legaliza as ambições em excesso dos que lutam pelo Poder, no temperamento e no espírito daqueles que têm os dotes analíticos de nos reduzirem à infima espécie. Aos preços a que estão os géneros de primeira necessidade, quando os ordenados vão aguentando uma austeridade desorientada e um endividamento externo cada vez maior, seremos sempre um País a gritar revoluções nas praças e nos mercados e a assistir pela televisão às intervenções do Sarfied Cabral e do Beja Santos. Neste País de convicções baralhadas as consequências desta estrutura de vida passiva, sem o acerto na produção e na imaginação, serão a intransigência de uma dependência cada vez maior em relação ao exterior. E mesmo mudando a programação radio-televisiva para distrair o ouvinte ou o tele-espectador, caímos sempre nas mesmas redondas em cima da hora de mais uma discussão, onde os políticos são promovidos a actores, num País onde o aglomerar de profissões deveria ser proibido atendendo ao elevado número dos que não têm ofício. Televisão portuguesa onde se familiarizaram as telenovelas brasileiras, onde se fala dos Marretas e dos Macacos e se esquecem os Camaleões. No centro destes grandes problemas

em que o fruto proibido é sempre o mais desejado, casa precisa-se, emprego precisa-se, vende-se automóvel, compra-se pedaleira em bom estado. De qualquer modo, não é preciso ser especialista nestas matérias para distinguir as botas de verniz do deputado que entra no Mercedes, do ministro que tem uma vivenda no Algarve ou do conselheiro da revolução que não precisa de estar presente para ser promovido. E no meio desta inquietação das coisas, são poucos os que escrevem nos jornais ou falam na rádio com as palavras certas que falam com o coração e não com o amontuado de transcrições de recortes de jornais ou revistas estrangeiras. Até nisso alguns se revelam com a mesma originalidade de um certo socialismo bem esquadado em grandes maços de moeda estrangeira! Desabafo instantâneo, meus caros! Desabafo instantâneo.

Tem-se visto como são grandes as injustiças, como se torna cada vez mais difícil olhar a montanha de uma loja, comprar um bilhete de cinema ou um pedaço de polvo numa feira, isto para fugir já aos bens essenciais e enveredar por outros factores que contribuem para o nosso bem-estar pois não será muito cómodo, como dizia Aleixo, vestir o que lhe dão usando camisa no inverno e gabardine no verão.

Enquanto uns estão no apogeu, crescendo na vida à custa de ordenados musculosos, outros roem um ordenado mínimo, uma reforma irremediável ou um subsídio engaiolado.

A hora em que uns entram no restaurante, outros pedem às portas em troca de uma oração. Dentro desta herança, a violência tornou-se fértil nos campos de futebol, à mesa do café ou em qualquer lado onde hajam duas ideias diferentes. Esta «liberdade» na infatigável caminhada de nos reduzir a simples máquinas sem gasolina. E num País enfermiço que já experimentou toda a gama de comprimidos e supositórios, depois das refeições aconselho uma chávena de chá.

CONHECER PARA TRANSFORMAR

A AGRICULTURA PORTUGUESA: UM PESO MORTO NA ECONOMIA NACIONAL ATÉ QUANDO?

Por CARLOS DAVID (1)

Em artigo anterior enumerámos, sucintamente, as principais causas julgadas responsáveis pela desordem e pobreza da agricultura portuguesa; sem dúvida que o País está, desde há muito, brutalmente compartimentado em dois mundos: um, rural, pobre, de baixo nível de produtividade, o outro, urbano, incipiente, criado sem ter em conta o tipo de ambiente em que os seus habitantes gostariam de viver, de trabalhar e de se divertir, nem a melhoria das suas condições sócio-culturais.

Os desequilíbrios económicos, sociais, culturais e políticos entre aqueles dois mundos, que até agora não mereceram uma verdadeira atenção, com vista à sua eliminação, por parte dos responsáveis, há muito que se vêm agravando; deixou-se cavar um fosso, quase intransponível, entre a população do campo e a da cidade e criar um clima social de instabilidade, de mal-estar e de insegurança que afecta, embora de maneira diferente, ambos os sectores.

A gente mais jovem do campo, aquela que seria capaz de o transformar e trabalhar em novos moldes, devido à vida miserável, plena de carências de toda a ordem e, por vezes, a uma existência sub-humana, que caracterizam o o meio onde nasceu, tem procurado, nos meios urbanos, a tábua da sua salvação, convencida de que o seu sofrimento, a sua angústia e a sua extrema pobreza, deixarão de ser realidades sentidas e em breve passarão ao domínio das tristes recordações do passado; contudo e infelizmente, a realidade é bem outra: a cidade, o grande centro urbano, todo o seu complexo e imbricado mundo de beleza e de fantasia, geralmente, não oferece ao novo membro a satisfação e as condições por ele idealizadas; em seu lugar, brinda-o com novos problemas caren-

ciais: habitação, trabalho, alimentação, convivência, cultura, etc., que tornam ainda mais desumana e difícil a sua existência.

Como resultado de tais desequilíbrios e desajustamentos entre a cidade e o campo, consequência da falta de uma vontade política em executar uma verdadeira planificação e regionalização do País, a pequena e média agricultura portuguesa acaba por ter, à frente dos seus destinos, homens idosos, alquebrados, sem forças, já incapazes de produzirem convenientemente e de assimilarem novos métodos e técnicas agrícolas; que continuam a laborar, ingloriamente e sem proveito, em condições muito abaixo das exigidas por uma moderna racionalização e para uma plena produtividade, donde uma crescente decadência económica, social, cultural, etc., relativamente, aos outros sectores da produção nacional.

Sem dúvida que a raridade de jovens que actualmente se fixa nos campos para se dedicar à actividade agrícola e o próximo desaparecimento, do mundo dos vivos, dos homens da terceira idade que a ela se liga, são motivos de muita preocupação quanto ao futuro da agricultura portuguesa. Ou será que o País poderá viver sem ela? O que aconteceria depois às cidades, aos meios urbanos que não produzem as matérias primas e a energia indispensáveis à sua sobrevivência? Poderiam subsistir, somente, com produtos importados? Oferecidos por quem? Pagos com quê? Infelizmente tal preocupação ainda não mereceu a atenção devida por parte dos nossos políticos e da grande parte dos trabalhadores dos sectores secundário e terciário dos grandes centros, que continuam a dar mais importância às palavras, aos discursos, ao exibicionismo, aos slogans, aos interesses individualistas do desenfreado oportunismo, e que, fatalmente, se não mudarem de rumo, lhes servirão, em tempo próximo de sustento alimentar, dado que outro não existirá no País.

Para as pessoas conscientes e não demagógicas é incontestável e incontroverso que o País, considerando as suas disponibilidades em riqueza não poderá sobreviver sem uma agricultura. Mas que tipo de agricultura? Uma agricultura incipiente, pobre, improdutiva, irracional, desligada do todo nacional, baseada na pequena e média propriedade e explorada por processos artesanais e em moldes tradicionais e esforços, integrada no desenvolvimento total do território, permitiria assegurar uma remuneração de trabalho equiparada à da dos sectores secundário e até terciário e uma boa garantia de produtividade?

Parece-nos que este segundo tipo de agricultura poderia satisfazer os interesses da colectividade e dos futuros agricultores, se essa fosse a expressão da sua vontade; contudo a sua execução envolveria o esclarecimento de um certo número de princípios e a resolução de vários problemas.

(Conclui no próximo número)

(1) Consultor Técnico em Ciências Sociais Aplicadas.

VIAGEM ÀS CIVILIZAÇÕES MILENÁRIAS

28 — TIBERÍADES

Em Cafarnaum, além das ruínas da Casa de S. Pedro, visitamos o que resta da Sinagoga onde Jesus ensinou.

Não muito distante, o local, hoje igreja, onde Jesus operou o milagre da multiplicação dos peixes e dos pães.

Antes, tínhamos passado pela aldeia de Magdala, onde habitou Maria Madalena.

Agora subimos ao Monte das Bem-Aventuranças e apreciamos a paisagem, sobrenha e quase irreal, sobre o Mar da Galileia.

Mais um kibutz: o Genosar. É antigo e de nos fazer abrir a boca de espanto. Mais parece uma pequena cidade que uma fazenda colectiva. Belas vivendas, extensas e cuidadas zonas verdes, arborização, complexo hoteleiro para receber turistas, parques infantis, praia à beira do Tiberíades, barcos de recreio, estradas alcatroadas, caminhos em cimento para o trânsito de bicicletas, esplanadas, e campos sem fim para as mais diversas plantações. Uma nota triste chamou-nos a atenção, apesar de um judeu ter tentado desviar-nos a atenção: abrigos subterrâneos, para a guerra.

Não nos devemos esquecer que esta zona era muito bombardeada pelos sírios, por se encontrar muito perto da fronteira, antes da Guerra dos Seis Dias. É a razão que os israelitas tomaram as montanhas do Golan à Síria, de onde vinham os ataques.

A noite aproximava-se. Fomos para a cidade de Tiberíades, na parte alta, o Hotel Dafna nos esperava.

Depois de uma boa banho e de um jantar de frango assado com cenoura cozida às rodela, fomos até à sala de estar, ver televisão. Os nossos companheiros são norte-americanos. As 21 e 30 acabou o telejornal, mas ficamos a saber o mesmo. Agora segue-se um filme americano. Os nossos copanheiros de sala estão todos interessados. Conosco a coisa já é um pouco mais difícil, tanto mais que as legendas são, simultaneamente, em hebreu e em árabe, isto é, em vez de letras são... risquinhos.

Neste momento uma velhota americana olhou para nós e encarou-nos; deve ter pensado, mais ou menos isto: «este gajo não

deve regular bem, em vez de estar a ver o filme que é tão bom, está a escrever».

Metemo-nos no elevador do hotel, que também não deve regular bem. Para subirmos ao terraço, andámos para baixo e para cima, e quando fomos a sair as portas fecharam-se automaticamente. Mas conseguimos lá chegar. A pé, pelas escadas, teríamos chegado mais depressa.

A panorâmica nocturna sobre a cidade obriga-nos a estar lá até o sono chegar. Sim, porque amanhã teremos que despertar às 6 horas, que é para tomarmos o autocarro que nos levará em direcção à costa, deixando o interior.

M. VAZÃO

Próximo capítulo:
29 — Na Capital dos Cruzados



O recenseamento eleitoral é obrigatório

Inscriba-se no recenseamento só recenseado poderá votar

13 MODELOS:

Conjuntos carregador-rectro escavadora
Pás carregadoras
Escavadoras hidráulicas

20 PONTOS DE APOIO:

Concessionários em todos os distritos.
As máquinas Industriais FORD podem resolver o seu problema! Saiba porque! Consulte o Concessionário FORD da sua área!

MÁQUINAS INDUSTRIAIS FORD CONCEBIDAS PARA MERECEREM A SUA CONFIANÇA!



FOMENTO INDUSTRIAL E AGRÍCOLA DO ALGARVE, LDA.
Voz de Loulé — Jornal do Algarve
R. Dr. Cândido Guerreiro, 38
Largo do Mercado, 2 a 15 — Faro
Tel. 2 30 61-2-3-4

Debatidos na Assembleia Municipal de Loulé problemas de interesse regional

(Conclusão do número anterior)

Como foram bastante polémicos os problemas focados na Assembleia Municipal de Loulé do passado dia 11 de Novembro, decidimos relatá-los com alguns pormenores e por isso a nossa descrição se tornou bastante extensa a ponto de sentirmos necessidade de a repartir em 3 números, para não massar o leitor e para nos dar tempo a escrevê-la, pois o tempo não abunda.

Assim, temos hoje a acrescentar que, por proposta da APU, foi aprovado pela Assembleia, que as Juntas de Freguesia se encarregariam da passagem de licenças de caça, cães, electricidade e outras, a fim de facilitar a vida às populações rurais, cuja deslocação à sede do concelho provoca despesas de cerca de 100\$00 (ou mais) para tirarem licenças de 25\$00, por exemplo.

Vista de ânimo leve, a medida podia ser justa, mas resta saber se é viável e se as Juntas terão capacidade de resposta para resolver esses problemas. Além disso a palavra electricidade, assim isoladamente, não diz nada e «outras» ainda é mais indefinido.

Também não sabemos se a Assembleia terá competência para aprovar medidas a que só a Câmara pode dar andamento e convém recordar que a proposta foi aprovada com a recomendação de a Câmara estudar o problema.

É portanto, uma aprovação condicionada.

A APU levantou também o problema da instalação do Conselho Municipal e ficou perfeitamente claro que os componentes acabaram por ser nomeados por escolha do Presidente e em função de cargos sócios-profissionais representantes de organismos locais. E isto de harmonia com o determinado pela Lei.

De salientar que as pessoas convidadas não aceitaram os cargos e que esse o pedido vai ser reforçado pessoalmente.

Curiosamente, porém, «O Diário» da manhã deu a este caso a seguinte interpretação:

«No que respeita à instalação do Conselho Municipal, e verificando grandes atrasos na eleição dos representantes das diversas organizações e entidades que o compõem, a Assembleia Municipal vai promover as eleições locais, num prazo de dez dias, conferindo-se cinco dias para a instalação daquele importante órgão autárquico».

Esta notícia é, portanto, uma flagrante deturpação dos factos.

A circunstância de «A Voz de Loulé» ter publicado uma notícia alusiva a abundância de lixo na nossa vila, mereceu alguns comentários do vereador João dos Santos Simões, que afirmou estar interessado em saber quais os locais onde predomina a sujidade. Ela é bem evidente para quem passe pela praça da Rua David Teixeira e zonas circunvizinhas da antiga horta Mealha, onde a escuridão é permanentemente visível desde há anos.

Da lixeira que o público faz jun-

to da estação da R. N., e largo vizinho, Rua Ataíde de Oliveira, Rua da Carreira, e muitos outros locais, que variam consoante os dias em que os serviços de limpeza actuam, nem sempre se pode culpar os serviços, pois a ausência de civismo da população é de tal ordem que nem sempre será fácil manter permanentemente limpa toda a Vila.

Isto quer dizer que há dias em que o lixo abunda assustadoramente e outros dias em que não há razão para criticar os serviços camarários.

No número anterior fizemos referência à circunstância de o Presidente da Câmara de Loulé ter dito, na Assembleia Municipal, não ser verdade que não atendera o Presidente da Junta de Freguesia de Boliqueime, desmentindo assim o que fora escrito por Luís Pereira na sua secção «Boqueirões»... e cujo título, só por si, dá pouca consistência ao que ali se escreve, e mais a mais tratando-se de um dize-tu - direi eu próprio de bocas de café. Não tem, portanto, a consistência daquele tipo de notícia honesta que este jornal sempre tem caprichado divulgar. O próprio Presidente da Câmara reconheceu esta qualidade a este jornal.

Considerámos o assunto arrumado e não voltaríamos a eles se não fôra o facto de terem chamado a nossa atenção para uma notícia «fabricada» pelo «Diário» da manhã, de 17 de Novembro, a qual tem todo o aspecto de uma notícia séria mas é uma refinada anedota contada a seu bel-prazer, pelo correspondente daquele matutino no Ameixial.

Para que os leitores possam «saborear» a notícia e apreciarem o «mérito» de quem euforicamente apregoa «a verdade a que temos direito» não resistimos a transcrevê-la na íntegra:

AMEIXIAL PROGRIDE

AMEIXIAL (do nosso correspondente) — Ameixial, a freguesia mais serrana do concelho de Loulé, era assim antes do 25 de Abril: uma estrada (Nacional n.º 1) feita «rua», onde confluiam as gentes laboriosas dos muitos «montes» dispersos pelas encostas e planaltos da serra do Caldeirão, em dia de mercado.

Água corrente, nada. Nem esgotos, nem luz, nem tantas outras coisas imprescindíveis.

Ameixial tinha gente democrata que, pelas envoltas da serra, nunca perdeu as esperanças de dias melhores.

Que chegaram, afinal. Do plano das promessas passou-se à sua concretização. Os pregoeiros do antigamente continuam, no entanto, a fazer o seu trabalho de destruição, insistindo em martelar na tecla da sua incompetência.

«A Voz de Loulé», jornal publicado na região, foi desmascarado na última reunião da Assembleia Municipal pelos presidentes do município louletano e da própria freguesia. «Não está ao serviço da democracia e dos reais interesses do concelho» — disse-se. E frontalmente, na cara do seu

director José Maria Barros, entre a assistência».

Como se vê, esta notícia é do Ameixial, e, quanto à existência de melhoramentos, o nosso correspondente naquela aldeia está mais habituado a desmentir e fá-lo noutro local deste jornal.

De salientar que a notícia até «meteu» gravura com a seguinte legenda: «Ameixial: de plano das promessas sua concretização».

Resta acrescentar que a gravura reproduz um troço de estrada (de Ameixial?) onde se vê um burro em primeiro plano, um tordo e umas 20 pessoas. Será que há agora mais burros no Ameixial?

Mas a parte mais anedótica da local está na expressão «foi desmascarado» e ainda por cima, com grande ênfase, (e frontalmente na cara do seu director».

Aí, seu valente correspondente, assim se vê quem sabe escrever português... na arte de baralhar factos.

Sobre isto julgamos plenamente justificados pelo que já acima escrevemos e portanto resta acrescentar ser mentira que alguém tivesse dito na Assembleia que «A Voz de Loulé» não está ao serviço da democracia e dos reais interesses do concelho», muito embora aceitemos que alguém tivesse pensado nessa expressão, pois é evidente que, para os militantes do PCP só há de-

(continua na pág. 6)

OS POENTES DO OUTONO NA COSTA DO ALGARVE

A Natureza, na sua eterna rotação, apresenta-nos, por vezes, as mutações mais diversificadas, ora agressivas, destruidoras, apocalípticas, ou a oferecer-nos aliantes panoramas plenos de uma beleza rara, envolvidos numa poalha luminosa das mais fantásticas e variadas cores, numa apoteose à luz e à cor, quando ao entardecer a Natureza-Mãe, na hora do seu recolhimento diário, quisesse apresentar os seus calorosos despedidas.

Entre o homem e a Natureza existe uma correlação vital, da qual os seres humanos não têm sabido tirar o devido proveito, contrariando as suas leis, submetendo-as, por vezes abusivamente, aos excessos do seu comodismo e conforto, das suas especulações, ou voltando-lhe as costas, repudiando os benefícios que generosamente lhes oferece.

A relatividade e o equilíbrio cosmológico de que nos fala o sábio Einstein parece, por vezes, querer estabelecer um diálogo entre a Natureza e o Homem, diálogo a que este se mostra cego e surdo como se o homem fosse senhor absoluto do seu destino.

Sucedem por vezes o homem ao contrariar as leis da Natureza, poluindo o ambiente, dizimando a flora, desviando o curso dos rios, fazendo as suas experiências atómicas subterrâneas, ter como resposta, os terramotos, as inundações, as alterações climáticas,

portadoras da destruição, da miséria e da fome, alterando por vezes o equilíbrio ecológico e até o psíquico do ser humano.

Estas ligeiras considerações vieram-me à colação ao apreciar um poente do outono à beira-mar, neste Algarve jardim de trinta léguas. Explendorosa coincidência? Enquanto a Nascente a Lua se erguia como um enorme globo de prata o Sol ao Poente mergulhava num mar incendiado e fulgurante!

O mar, sereno, de uma tranquilidade dormiente, parecia participar daquele momento único, que a Natureza nos estava a oferecer, espelhando amorosamente as cintilações prateadas da lua e o vermelho oftálmico do sol.

Vem agora em tropel à minha imaginação o admirável soneto da torturada e grande poetisa Florbela Espanca quando diz: «Que maravilhosa tarde sobre o mar!» E, ao pensar no mar e na costa algarvia surge perante o meu espírito as palavras do grande estilista Teixeira Gomes afirmando no seu «Agosto Azul»: Também eu puz-me a correr mundo para me certificar de quanto é mais bela a costa algarvia e os seus poentes.

A Natureza foi generosa com o Algarve ofertando-lhe, nesta quadra do Outono, os seus maravilhosos poentes com um clima repousante, luminoso e acolhedor.

Maurício Monteiro

Maior depósito Maior segurança



Quando abre conta no Banco Fonsecas & Burnay está a escolher um banco dinâmico, prestável e eficiente! E agora, sendo depositante do Banco Fonsecas & Burnay, beneficia de mais um serviço

- o seguro de Acidentes Pessoais, até 1.000 contos -

Em «A SEGURADORA INDUSTRIAL - Companhia Nacional de Seguros»

- Sem necessidade de preencher papéis
- Abrangendo todos os depositantes particulares, residentes ou emigrantes
- Qualquer que seja a sua idade, estado de saúde ou profissão
- Válido em qualquer parte do mundo onde ocorra o acidente!

SEGURO DO DEPOSITANTE • INFORME-SE NOS NOSSOS BALCÕES



BANCO FONSECAS & BURNAY



ESCRITÓRIO DE CONTABILIDADE

M. CONCEIÇÃO PIMENTEL

ESCRITAS DOS GRUPOS «A» E «B»

ASSUNTOS FISCAIS E CONTABILÍSTICOS

TELEF. 62867 — LOULÉ

Escola de Clareanes põe em perigo a vida dos alunos

A escola de Clareanes cujo quadro discente actual é de 29 alunos, devendo seguramente aumentar em 1979, apresenta-se no seu todo com aspecto desolador, miserável e em estado ruinoso, razão porque a povoação de Clareanes e arredores reivindica a construção duma ESCOLA nova e eficiente.

A escola de Clareanes que foi construída há mais de meio século, chegou ao péssimo estado em que se encontra hoje, não obstante as leves reparações de que foi objecto, mas só com mão de obra e dinheiro da população local.

Exteriormente não se faz ideia do perigo que a escola encerra. A cantaria sobre a porta de entrada está quebrada e a parede junto à mesma tem grandes fendas e buracos por onde a água da chuva penetra, arrastando o barro de que é feita, podendo a qualquer momento cair. Ao abrir ou fechar a porta, tanto a parte da cantaria partida como a parede ameaçada de ruir, abanam, arriscando a vida de quem é obrigado a utilizá-la e as crianças curiosas e irrequieta como sempre, quando atravessam a porta olham para cima, conscientes do perigo que correm.

O tecto da sala encontra-se todo fendido e nos dias de chuva deixa passar a água que nele se vai acumulando, prejudicando o ensino, pois obriga as crianças a contínuas deslocações à procura de lugares ou posições onde a água não caia e possam trabalhar. Pelas paredes escorre água, tornando a sala bastante fria em consequência da permanente humidade.

O recinto onde as crianças vão comer e brincar é do pior que se pode imaginar pois com a falta de telhas, a água provoca um lago no centro, obrigando as crianças a terem os sapatos sempre molhados.

As instalações sanitárias que a escola possui é um foco de infecção. Duas minúsculas divisões com uma parede demasiado alta para as crianças, tendo um buraco ao centro, acumulando-se as fezes do lado de fora, pois nem fossa tem.

Sem cisterna nem qualquer depósito de água, as crianças que utilizam estes «ricos» sanitários. Mal se abre a porta que dá para o quintal, o cheiro nauseabundo que de lá vem, obriga a levar a mão ao nariz.

A professora da escola já comunicou várias vezes esta situação degradante à Câmara Municipal de Loulé, mas até hoje só promessas tem ouvido. Em 1976 o Sr. Presidente da Câmara declarou que o novo edifício escolar de Clareanes devia estar concluído até ao fim do ano de 1978 uma vez que já tinha recebido a verba respeitante para a construção da escola, e chegámos ao fim de 1978 e ninguém sabe quando irão começar as obras.

Porque esperam os Serviços Técnicos?

Que faz esse dinheiro na Câmara enquanto 29 crianças trabalham num edifício escolar sem um mínimo de condições, arriscando a vida e a saúde? Mas que ensino é este?

Estarão à espera dum desastre para depois se levantar um inquérito para apuramento de responsabilidades?

No dia 17 do corrente mês, deslocaram-se mais uma vez à Câmara, pais dos alunos para pedir providências, pois sabem bem como a vida de seus filhos corre perigo.

A população de Clareanes e arredores quer a sua escola. Quem lhe acode de pronto?

L. A.

No decorrer deste ano a Junta de Freguesia de Alte tem mandado executar vários trabalhos de reparação e abertura de estradas na região serrana desta freguesia, melhoramentos que muito contribuem para a melhoria de condições de vida da população e progresso de diversos sítios desta região.

Também em Alte se pensa, desde há muito tempo, na criação de um museu, aliás, um pequeno mu-

seu de arte popular, de objectos de arqueologia da região de Alte, de pintura de artistas alenses e outros e de fotografias tiradas por ocasião do «Concurso da Aldeia mais portuguesa de Portugal» realizado em 1938, além de outras fotografias de gente do povo desta freguesia. Pelo que nos foi dado ler no «Diário de Notícias» de 7-11-978, o sr. Daniel Vieira, um alense que vive em Lisboa, vai dentro em breve dar realidade a este sonho.

C.

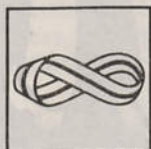
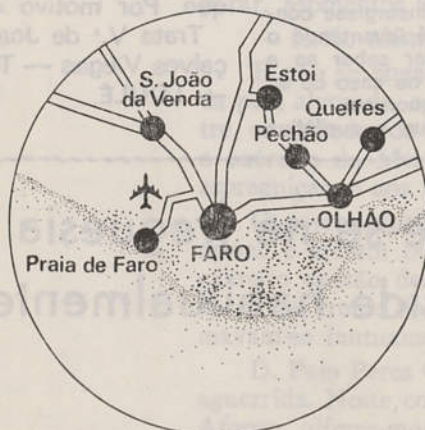
FARO (FARO)

A Banca Nacionalizada está ao serviço do desenvolvimento económico e social do País.

Nós somos Banca Nacionalizada e também apoiamos, com mais de 100 Balcões e através de todos os serviços bancários, o desenvolvimento regional.

O Banco Totta & Açores comunica a inauguração, em 4 de Dezembro das novas e modernas instalações na R. Tenente Valadim, n.º 4 FARO
Tel. 241 59 / 243 49 / 249 10

FARO



BANCO TOTTA & AÇORES



Lutadores anti-fascistas e outros

Há vários lutadores: anti-fascistas, anti-terroristas, de luta greco-romana, etc. Uma coisa é certa: após a luta vem o cansaço.

Para vencer o cansaço, durma num colchão EPEDA ou Delta Loc, ambos com garantia «Spring Springmark».

Adquiram os na CASA SI-MÃO, na Av. Marçal Pacheco em Loulé. (10-2)

GRANDEZA E DECADÊNCIA DE PORTUGAL

O passado das nações é constituído por altos e baixos, mais ou menos demorados no tempo e com maior ou menor relevo nas páginas da História; eles balizam a trajectória de um povo ao longo da sua existência como comunidade organizada.

Essa sucessão de altos e baixos, com as distâncias que os separam e com a grandeza dos valores que os definem, não acontece por mero acaso; com efeito, um povo viril escolhe ou determina o seu caminho, consoante o uso que faz das suas virtudes e potencialidades e conforme os esforços realizados para se manter fiel à sua identidade.

Os tempos de grande densidade histórica, isto é, aqueles que testemunharam a valorização de atitudes e comportamentos da comunidade nacional, mereceram a designação de «épocas» ou «eras»; assim, na História Pátria, foram épocas de grandeza e glória os tempos em que se forjaram e se consumaram epopeias ou gestas como a Fundação da Nacionalidade, a Consolidação da Independência, a Expansão Ultramarina, a Restauração, a Guerra Peninsular, etc.

Aqueles sucessos foram o resultado de um querer amadurecido na serena reflexão das situações, alimentado por uma fé sólida e realizado com determinação e tenacidade exemplares; a unidade de pensamento e de acção, polarizando as mais profundas tendências e aspirações da alma nacional, criou as condições para que o génio lusitano se agigantasse e embelezasse épocas ou eras da História de Portugal, onde os vitoriosos puderam colher altos exemplos de patriotismo e valor.

Infelizmente, tais épocas ou eras não são eternas nem alcançam permanência dilatada, porque as vontades sofrem o amole-

cimento provocado pela fadiga dos esforços persistentes, pela renúncia aos sacrifícios e pela insaciável procura e usufruto dos bens materiais.

Quando tal ocorrer, quando se consente desvio de rumo, por pequeno que seja, a Nação começa a desorientar-se e a sua armadura física e espiritual entra a deteriorar-se; em breve, estarão criadas as condições para o aparecimento de aventureiros políticos, charlatães, oportunistas e traidores, todos eles resolvidos a cevar seus brutos apetites e torvas ambições no corpo adoentado da Pátria.

Aqueles bandos, beneficiando da cumplicidade de um grupo de renegados infiltrados nas fileiras das instituições militares, lançam-se então ao assalto do poder desferindo a golpeado e acabando por impôr uma prolongada e odiosa tirania.

É uma dessas épocas de decadência e opróbrio que o golpe de Abril de 1974 veio inaugurar na História Pátria; com efeito, saldando dívidas contraídas por motivo dos auxílios recebidos das internacionais marxistas, os bandos anti-nações entregaram-se afanosamente à tarefa de desmembrar o País e oferecer extensas parcelas do seu território, de bandeja, aos tiranetes e sobas marxistas tutelados por Moscovo.

Perdida a vergonha e também para escamotear ao povo a dura realidade, os bandos anti-nação esforçaram-se por apresentar os seus crimes como obras meritórias; para isso, não vacilaram em vituperar os valores históricos de Portugal, em promover a depredação de tesouros artísticos e culturais genuinamente portugueses, em amordar e aviltar o orgulho nacional, em corromper a moral tradicional da Nação e em tentar demolir os sentimentos religiosos mais caros à nossa gente.

Simultaneamente, eles promoveram a ruína material do País, destruindo danadamente as infra-

-estruturas, a agricultura, a indústria, o comércio, os serviços públicos e a própria máquina administrativa que haviam tomado de assalto e onde se instalaram como praga de piolhos em costuras; como consequência, todos nós sofremos hoje, no corpo e na alma, aquela «apagada e vil tristeza» a que se referiu Camões no seu imortal poema.

Nem mesmo durante os 60 anos da odiosa dominação castelhana a nossa Pátria conheceu tanta degradação, tão pesada ruína e tanta humilhação na sua identidade nacional como já experimentou em apenas quatro anos de poder político sujeito aos ingénuos revolucionários de Abril.

Os revolucionários civis e militares responsáveis por tantos males não encontram, no juízo de todos nós, a menor desculpa ou perdão para os seus crimes, e isso porque deliberadamente, conscientemente, preferiram a escravidão da tutela marxista de Moscovo à administração indolentemente patriótica e escrupulosamente portuguesa de um governo nacional; contrariando e sabotando o esforço de defesa, desertando dos postos de serviço ou de combate, concertando-se com os inimigos declarados do nosso povo, atraíam camaras e populações, bem como fazendo por inteiro o jogo dos terroristas, os malditos colaboracionistas civis e militares, agindo como repugnantes «quislings», ganharam o vergonhoso direito de emoldurar esta época de decadência que eles abriram à nossa Pátria.

Esperemos que Deus encurte esta provação e desperte nos bons portugueses a consciência da hora grave que a Nação atravessa; que igualmente suscite a união das vontades e dos corações para que seja possível, sem mais delongas, reiniciar mais uma vez a Restauração de Portugal.

Carlos da Costa Campos e Oliveira

DEBATIDOS NA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LOULÉ

problemas de interesse regional

(continuação da pág. 4)

mocracia nos países de Partido Único, o que nos leva a pensar que pretendem chamar democrático ao regime salazarista por também ter governado sob a tutela de um Único Partido.

Quanto aos interesses do concelho nem merece comentários... tal a enormidade da asneirada, pois naturalmente que o PCP preferiria que «A Voz de Loulé» estivesse ao serviço dos reais interesses de Moscovo...

Durante esta reunião e por motivos inadiáveis que se afiguravam perfeitamente claros, 2 membros da Assembleia pediram licença para sair, o que bastou para que o sr. Lima se insurgisse contra esse facto e até levantando o problema de desejar saber se a reunião continuaria no caso de se verificar falta de «quorum».

Evidentemente que a supérflua

questão mereceu vários comentários com a correspondente perda de tempo.

O sr. Presidente da Câmara teve o bom senso de encerrar o assunto com uma oportuna intervenção, que se traduzia na seguinte e graciosa expressão: «a sessão pode continuar. Fecha-se a porta e não sai mais ninguém».

E a sessão continuou...

MERCEARIA TRESPASSA-SE

Com casa de habitação, na Rua Afonso de Albuquerque. Por motivo de doença.

Trata V.ª de Joaquim Gonçalves Viegas — Telef. 62417 — LOULÉ.

(3-2)

Direcção Regional de Agricultura do Algarve

Estação de Avisos do Algarve

A — TRATAMENTOS DE INVERNO DAS FRUTEIRAS

Com estes tratamentos pretendemos atingir as formas hibernantes dos parasitas. Embora os seus efeitos não sejam tão espectaculares como no caso dos tratamentos de Primavera e Verão, eles conduzem-nos a bons resultados, porque impedem o aparecimento de fortes ataques, logo no início do desenvolvimento vegetativo das fruteiras (Primavera).

Por este processo, consegue-se a destruição de muitos insectos e ácaros, em qualquer das suas formas (ovos, larvas ou adultos), que se instalam, durante o Inverno, sob as cascas das árvores, assim como as frutificações dos fungos, que ficam defendidas pelas escamas dos gobos e protegidas pelas cascas das pernas e ramos das árvores. A destruição de musgos e líquenes é feita por razões idênticas às descritas anteriormente e ainda porque servem de abrigo aos parasitas das plantas, pelo que se devem combater com caldas adequadas ao fim em vista.

Há que saber escolher a melhor altura para se proceder aos «tratamentos de Inverno», de acordo com o desenvolvimento vegetativo do hospedeiro, o estado de vida em que se encontra o parasita, a maneira como decorre o tempo, etc.

B — PARASITAS EM ACTIVIDADE E QUE DEVEM SER IMEDIATAMENTE CONTROLADOS NOS CITRINOS

1 — Mosca da fruta ou do Mediterrâneo — Tratando-se de um parasita, que pode limitar extraordinariamente a produção temporária de citrinos no Algarve, leva-nos a insistir nos cuidados, que o senhor citricultor deve dispensar aos seus pomares, procedendo aos tratamentos por nós já recomendados em circulares anteriores, uma vez que a temperatura ambiente e a humidade do solo lhe são favoráveis ao seu desenvolvimento, o que justifica o elevado número de adultos capturados (moscas) em espigas alimentares colocadas nos nossos diversos postos biológicos.

LIVROS NOVOS

«ENFERMAGEM CIRÚRGICA»

Depois de ter dedicado um dos seus volumes à enfermagem médica, esta colecção apresenta agora aos seus leitores uma obra em que é contemplado, de forma exhaustiva, o tema da enfermagem cirúrgica. Trata-se, como facilmente se compreende, duma matéria verdadeiramente básica, de cujo conhecimento não pode sentir-se dispensado nenhum profissional de enfermagem. De facto, se, por um lado, os progressos da cirurgia tornaram cada vez mais frequente o recurso às possibilidades que ela oferece, por outro, não é preciso trabalhar num bloco operatório para o profissional de enfermagem se ver confrontado com os problemas de doentes em fase pré ou pós-operatória. E daí justamente a necessidade de todos se encontrarem habilitados a dar resposta pronta e eficaz aos problemas que se colocam no campo da enfermagem cirúrgica.

Tal como os anteriores volumes desta colecção, também o presente tem como autor uma qualificada profissional de enfermagem. O saber e a experiência que aqui transmite ultrapassam, pois, o academismo livresco e radicam-se numa cuidada formação teórica e numa longa prática. Por isso mesmo, a leitura desta obra revelar-se-á de inestimável valor tanto para os profissionais como para os alunos de enfermagem.

Autora: Elizabeth J. Fish
Editor: Publicações Europa-América/Francisco Lyon de Castro.

A Prevenção Rodoviária Portuguesa recorda que as bebidas alcoólicas fazem diminuir o tempo de reacção. Numa situação imprevista, o condutor que tenha bebido álcool em excesso, só demasiado tarde estará em condições de efectuar a manobra correcta.

SERRO DE GILVRAZINO
PARRAGIL — LOULÉ



MARIA DO CARMO
RUIVINHO

AGRADECIMENTO

Seus filhos e restante família na impossibilidade de o fazer pessoalmente, por ilegitimidade de assinaturas e desconhecimento de moradas, vêm por este meio testemunhar o seu profundo reconhecimento a todas as pessoas que de qualquer modo compartilharam na sua dor e bem assim aquelas que a acompanharam à sua última morada.

A todos o testemunho da sua mais profunda gratidão.



Recenseie-se na freguesia onde reside habitualmente

Inscreva-se no recenseamento

Só recenseado poderá votar

OLHE O PERIGO DE FRENTE!



Na estrada caminhe sempre pelo seu lado esquerdo



circular e viver.

Mais um inolvidável concerto da Banda da GNR em Loulé

Dada a reputação merecidamente granjeada, era esperada em Loulé com natural expectativa a actuação da Banda da Guarda Nacional Republicana em cumprimento de uma digressão ao Algarve programada pela Comissão Regional de Turismo com a colaboração da Câmara Municipal de Loulé.

Com efeito essa actuação que se corporizou no transacto dia 26 de Novembro último, no Cine-Teatro Louletano, perante maciça assistência que ali, àquela casa de espectáculos, ocorreu, correspondeu por inteiro e ultrapassou mesmo todas as conjecturas acumuladas.

Foi sob a regência do maestro, cap. Joaquim Alves de Amorim, que a Banda da Guarda Nacional Republicana, muito justamente considerada a melhor do País, se exibiu com inextinguível brilhantismo de que é apanágio, brindando a compacta e atenta assistência com um programa escolhido a capricho.

Assim tomaram lugar, neste autêntico festival musical, composições de nomeada da autoria de consagrados autores: «Abertura para o Cándide», de Bernstein, «Rapsódia in Blue», de Gershwin, «Malagueñas» (com um solo insuperável de trompeta), de Solini, «West Side Story», de Bernstein, «Rapsódias do Minho», de Sousa Morais e «Tannhäuser», de Wagner.

Foram prolongados e espontâneos os aplausos que premiaram cada uma das interpretações.

Frente ao caloroso acolhimento que fora prodigalizado pelos circunstantes, o maestro, cap. Joaquim Alves de Amorim, fez questão, por seu turno, em oferecer um número extra-programa, o qual foi, como os anteriores, magistralmente interpretado.

Como anfitrião desta Vila, o presidente do Município de Loulé, sr. Andrade de Sousa, num gesto de muito apreço, ofereceu à Banda da Guarda Nacional Republicana, na pessoa do seu maestro,

cap. Alves Amorim, um artístico artefacto de cobre, representativo do artesanato regional.

Por nossa vez, cabe-nos destas colunas, tributar o nosso mais vivo aplauso à Banda Nacional Republicana, pelo ensejo que nos ofereceu de apreciar, em directo, uma das suas afamadas actuações.

Estamos certos que ficou a pairar no ânimo de muitos circunstantes, incondicionais adeptos da boa música, o desejo de tornar a ver, para o próximo ano, semelhante e primoroso concerto da Banda Nacional Republicana.

POSSE DO IV GOVERNO CONSTITUCIONAL

(continuação da pág. 1)

— Coronel José Alberto Loureiro dos Santos;

— Ministro-Adjunto do Primeiro-Ministro: Dr. Álvaro Pereira Leal Monjardino;

— Ministro da Administração Interna: Coronel António Gonçalves Ribeiro;

— Ministro da Justiça: Dr. Eduardo Henriques da Silva Correia;

— Ministro dos Negócios Estrangeiros: Dr. João Carlos Lopes Cardoso de Freitas Cruz;

— Ministro da Agricultura e Pescas: Prof. Dr. Apolinário José Barbosa da Cruz Vaz Portugal;

— Ministro da Indústria e Tec-

nologia: Eng.º Álvaro Roque de Pinho Bissau Barreto;

— Ministro do Comércio e Turismo: Dr. Abel Pinto Repolho Correia;

— Ministro do Trabalho: Dr. Eusébio Marques de Carvalho;

— Ministro da Educação e Investigação Científica: Prof. Eng.º Luís Filipe Valente de Oliveira;

— Ministro dos Assuntos Sociais: Dr. Acácio Manuel Pereira Magro;

— Ministro dos Transportes e Comunicações: Eng.º José Ricardo Marques da Costa;

— Ministro da Habitação e Obras Públicas: Eng.º João Orlando Almeida Pina;

— Ministro da Comunicação Social: Dr. Daniel Proença de Carvalho;

— Secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros: Dr. José Guilherme Xavier de Basto;

— Secretário de Estado da Administração Pública: Dr. António Jorge Figueiredo Lopes.

POING!

O jornal «O Dia», de 16 de Novembro último, publicou na 1.ª página, o seguinte:

«Tenho hábitos modestos» — afirmou ontem Álvaro Cunhal para explicar como lhe chegavam os seis contos e trocos que recebe de vencimento do Partido Comunista.

Cunhal fez esta divertida declaração durante o programa «Directíssimo» do Canal 2 da TV. Pena foi que não explicasse qual a razão porque o partido que lidera, e que tão modestamente paga aos seus quadros fomenta greves apoiadas por trabalhadores que ganham duas e três vezes essa importância. Tal como seria interessante esclarecer de que forma um «trabalhador» que

desconta novecentos e poucos escudos por mês de impostos se pode dar ao luxo de passar anualmente as suas férias no Mar Negro.

Mistério. Aliás mistério é uma coisa de que Álvaro Cunhal gosta de se rodear. Disse ter filhos, mas não quantos nem de que idade, nem onde vivem. Disse que eles têm, mas essa, ao que se entendeu, seguiu o exemplo do povo português: separou-se dele. Disse também ter casa, mas nem por sombras se ficou a saber para que lado.

Um dos ouvintes perguntou quando se resolveria Cunhal a deixar os portugueses em paz e ir para a Rússia. O entrevistado respondeu não ter planeada a próxima viagem à URSS...

VENDE-SE

Uma casa térrea com 6 assoalhadas e cozinha, na Rua Eng.º Duarte Pacheco.

Informa: Av. 25 de Abril — Bloco B — 4.º, Esq.º — LOULÉ.

(4-3)

CARIMBOS

Executam-se na

GRÁFICA LOULETANA

Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 62536 — LOULÉ

IV SALÃO DE ARTE FOTOGRÁFICA ORGANIZADO PELO RACAL CLUBE

Pelo júri chamado a classificar os trabalhos do IV Salão de Arte Fotográfica do Racal Clube e Segundo Salão Internacional do Algarve, foram atribuídos, nas instalações da Aldeia das Açoiteias, vários prémios para esse fim previsto.

O certame averbou a exposição de 1500 trabalhos enviados por 300 concorrentes.

Os primeiros prémios foram os seguintes:

— PROVAS DE PRETO E BRANCO — «Happy», de Signe Drevsjo (Noruega);

— Provas a cores — «Wood in Winter», de Alan Jackson (Inglaterra);

— SLIDES COLORIDOS — «Sioux», de Alfred Havhicek (Áustria).

AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE

Por Ataíde de Oliveira

Não custara barata a vitória dos soldados da cruz; e tanto que D. Paio preferiu ficar no campo da peleja a seguir o inimigo, que pôde entrar no castelo sem oposição.

Nessa noite o governador mouro, alentando uns com elogios, e animando outros com esperanças, preparou uma dura defesa. Quase à meia-noite desceu aos seus aposentos pela escada interior do castelo e foi abraçar as suas três filhas, que o esperavam: Zara, Lídia e Cassima.

— Está ferido, meu pai? — perguntou Cassima, a filha mais nova.

— Não, minha filha. O profeta não quer ainda o meu sangue.

— São verdadeiras as notícias que nos trouxe o adail?

— Verdadeiras! O rei Afonso entrou no castelo de Faro e é o seu senhor.

Fez já doação a Esteves Anes, seu chanceler-mór, de todos os herdamientos que Abusala, governador de Faro, e sua mulher Zaforena, possuíam em todo o Al-Faghar.

As três filhas do governador puseram-se a chorar.

— Não chorem, minhas filhas, observou o governador extremamente comovido; o grande profeta nunca se esqueceu dos seus crentes. Se os meus soldados não puderem levar de vencida o perro cristão, e o nosso castelo for tomado à força, nem por isso devem desanimar. Felizmente possuo os segredos da magia, e quando reconhecer a impossibilidade da defesa, eu saberei defender a honra das minhas queridas filhas. Vão descansar... é já bastante noite.

As filhas retiraram ao seu quarto, beijando as barbas do seu extremoso pai, onde a furto se achava depositada uma lágrima, que dos olhos do velho tinha caído.

O governador despiu apenas uma vestimenta de aço, semelhante a uma cota de armas, e deitou-se sobre um catre a descansar. E em vez de pegar no sono pôs-se a reflectir!...

Em que pensaria o pobre velho?!

Pelas duas horas da noite o ministro dos crentes no alto da

torre do Almadena, chamou três vezes os fiéis à oração, dizendo:

— Allah achar! (Deus é grande).

Passado algum tempo a mesma voz pronunciou três vezes as seguintes palavras:

— La allah ella allah Mohammed rasut allah! (não há Deus senão Deus e Mahomet o seu legado).

Então o governador ergueu-se do catre, vestiu novamente a cota de armas, pôs na cabeça o turbante, colocou à cintura o al-fange, escondeu no seio um famoso punhal com embutidos de ouro no cabo, e preparou-se para subir ao castelo.

Nesta ocasião o ministro dos crentes — o almuadem — repetiu por três vezes em voz alta, as seguintes palavras:

— Hai ala essalab, essalab achiar menennaum. (Vinde para a oração, a oração aproveita mais que o dormir).

— São horas, disse consigo o governador.

E subiu ao castelo e foi postar-se no ponto mais alto, voltado para nascente. A escuridão era impenetrável.

O governador continuou a passear pelas ameias, parando a cada momento, voltado para nascente. Todo o seu desejo era penetrar a escuridão com os olhos. Passado algum tempo tornou a parar. Momentos depois disse:

— Estão além, bem os distingo.

E não se enganara. Por entre a escuridão, um pouco destruída pela alvorada, o governador enxergara, sobre o Cabeço do Mestre, os soldados de D. Paio. De longe, e quando o sol ia rompendo, o exército do Mestre parecia o dorso de um crocodilo gigante a espreguiçar-se aos raios do sol.

O governador mouro deu a voz de alarme; todos pegaram em armas e vieram ocupar os seus respectivos lugares. Entretanto o exército cristão descia o outeiro muito vagarosamente e foi colocar-se em frente do castelo. Os mouros, adargados a seu modo, animavam-se mutuamente com as trombetas e os alaridos.

D. Paio Peres Correia fizera-se acompanhar da sua gente mais aguerrida. Neste combate batalharam sob o seu comando D. João Afonso, alferes-mór, seu irmão D. Afonso Teles, seus primos D. Mem, D. Gonçalo, D. João, D. Fernando Garcia, D. Martin Peres da Vila, com os três ilustres irmãos D. Gil Martins, D. Fernando e D. Afonso Lopes.

Mensagem ao homem do campo

Crónica de LUÍS PEREIRA

Os que nasceram atrás de um peneiro, nas brenhas de uma serra ou nos poiais de uma cabana, aqueles que mais trabalham a terra, que ainda não possuem os instrumentos necessários à agricultura a não ser uma enxada, um arado e uma parelha de mulas, que mesmo sem dinheiro e sem pão adormecem ao som da sua telefonia, continuam com a lenha às costas transportando-a para a sua fogueira onde se aquecem durante o inverno.

Sem uma reforma condigna, sem assistência social, habitando casinhas sem o mínimo de conforto e higiene, sem transportes, caminhos e luz eléctrica, estes homens de mãos próprias, vivendo de migalhas que não compensam os calos, continuam a padecer os males de uma sociedade de desigualdades e contradições. Só se lembram destas gentes ignoradas quando se deslocam às aldeias com sermões de algemas disfarçados de promessas que acabam de morrer nos altares do desprezo e da vaidade. Estes homens não têm o direito a saber escrever o seu nome, basta que saibam fazer uma cruzinha dentro de um quadrado viciado, naqueles que se arvoram em Partidos dos Trabalhadores.

As lágrimas que choram quando sinto no corpo, a face de gumes ferindo o coração do agricultor, sem um seguro de colheita, sem crédito que o valha, produzindo sempre longe das greves e das manifestações e, ganhando quantas vezes menos que o salário mínimo nacional!

«Trata dos gados que dão leite, semente de trigo que dá o pão e vives a morrer nas sementais que fazes, alimentado deficientemente, trabalhando muito mais que as oito horas diárias, sem dinheiro para comprares um sobretudo que te agasalhe na época mais fria».

A terra é humilde tal como o homem que a cultiva com amor, sujeito à chuva, ao frio e ao sol, com o orgulho de usar a bota de água quando rega as suas árvores e os seus canteiros ou a bota cardada quando cava os «camalhões». Levanta-se sempre antes do sol nascer, acaba sempre o seu trabalho depois do sol-pôr. Embora os baques de coração espezinhado sejam frequentes, porque o agricultor não é parvo como o querem fazer, não se queixam, não fazem greve, não boicotam reuniões, não se transportam em combóios de politiquice para engrossarem os comícios daqueles que vendem a sua «banha da cobra» para lhes caçarem as suas economias.

«Há quem pretenda um certo colectivismo que te rouba a alface que plantaste no teu quintal ou os bagos de feijão que semeaste, curvado dias e dias sem tempo para almoçares. Há quem pretenda um certo colectivismo que te rouba o gado que tu crias como se fossem teus filhos. Há quem pretenda um certo colectivismo para comer à tua custa, alinhar em fanfarras onde bebem o vinho que tu produzes. Tu, nem ao menos podes comprar um garrafão de vinho para festejares o Natal com a tua família, porque eles aumentam-no para ti e ofe-

recem-no aos seus amigos do Leste».

Governar é servir. Nunca destruir a produção, marginalizar aqueles que mais se esforçam para se construir o País. Os agricultores não podem passar fome e sede, viver em «currais», de coação triturada pelas humilhações de que são vítimas. Os agricultores não podem continuar pagando a demagogia dos subsídios às empresas nacionalizadas; a desconcertante burocracia de grossos arquivos de folhas escuras, a moldura da actual situação que não defende o homem do campo.

A minha alma vive numa ansiedade de gritar contra os que pretendem fazer do agricultor um servo, um trampolim para as suas concretizadas promoções, um criado da incompetência, sem direito a uma vida normal, quantas vezes obrigado a fugir da sua terra por dificuldades económicas, procurando outro país que lhe garanta a sua sobrevivência.

«Camponês, ergue-te com a riqueza do teu nome, do teu peito, do teu esforço! Exige uma vida mais digna que te proteja o teu trabalho e a tua saúde. Une-te. Associa-te. Organiza-te. Não fiques mudo porque tu sabes bem aquilo que te prejudica.

Sou bem teu amigo e sinto os que te querem enganar com promessas excessivamente repetidas. Não enrugues o teu rosto, não enghelhes as tuas pernas. Não maces os teus braços, produzindo para os que querem viver à tua custa, enxovalhando-te em plenários ou em sessões políticas. Se queres um conselho, experimenta um só dia a demonstrar a tua força, une-te com os da tua classe, manifesta o teu descontentamento e, verás que a Nação treme».

Quem trabalha com Amor sempre teve a força de Nosso Senhor!

Luís Pereira

Oferta de trigo canadiano a Portugal

Realizou-se em 21 de Novembro, no Palácio das Necessidades, a cerimónia da assinatura do memorando de entendimento entre os governos português e canadiano sobre o auxílio alimentar a Portugal. O referido memorando formalizará a oferta de trigo canadiano ao nosso país no montante de 15 milhões de dólares.

No final de 1977 já havia sido recebida uma primeira partida de trigo, devendo chegar brevemente a Portugal parte do remanescente do trigo oferecido pelo Canadá como contributo ao esforço internacional de apoio às nossas dificuldades da balança de pagamentos.

Assinaram pelo lado por-

IV Congresso Nacional das Agências de Viagens e Turismo

Por carência de espaço, só no próximo número faremos referência a este importante acontecimento registado no Algarve entre os dias 22 e 26 de Novembro.

Ameixial progride...

Ser-se cego de nascença, é uma grande infelicidade, direi mesmo, uma das maiores fatalidades que ao homem podem acontecer.

Mas existem pessoas que se julgam a si próprias já ter nascido de olhos bem abertos, mas não possuem a capacidade mental e o poder de visão suficientes para poderem avaliar as coisas nas suas justas medidas e valores, também é de lastimar.

Vem isto a propósito de uma notícia que acabamos de ler no jornal «O Diário» de 17 de Novembro, no qual o seu correspondente nesta localidade (?), nos dá a conhecer, em primeira mão, — até por fotografia que se desconhece — a concretização de melhoramentos que até hoje ninguém viu já concretizados.

Por isso e sem rodeios, carece que sejamos precisos e concisos no que aqui afirmamos: O Ameixial, embora com fundadas esperanças em melhores dias do que os do tal antigamente do que nos fala, ainda continua envolto nesses mesmos problemas da falta de água, sem luz e esgotos, com ruas pobres do que nunca e muitas outras carências imprescindíveis ao seu progresso.

ÁGUA — Lá temos nós que voltar a bater na tecla da nossa «incompetência»... que tanto parece incomodar certas competências! — é insuficiente e de cor barrenta na maior parte do dia, e só for-

I ENCONTRO DOS GESTORES DAS POUSADAS DE PORTUGAL

Os gestores das Pousadas de Portugal acabam de ter o seu encontro anual, que este ano se realizou na Aldeia das Açoteias. Os trabalhos foram dirigidos pelo Dr. Sérgio Palma Brito, do Conselho de Gerência da ENATUR e pelos

srs. Vasco de Mello e Mário de Abreu, do Departamento de Pousadas e Hoteis daquela empresa pública. Participaram nos trabalhos só os gestores dos Estabelecimentos Hoteleiros do Estado (Pousadas, Hoteis e Restaurantes) que são geridos pela ENATUR.

O fim principal do encontro era o estabelecimento do orçamento de exploração para o ano de 1979, baseado na análise dos resultados dos 9 primeiros meses de 1978.

A actividade das Pousadas, de Janeiro a Setembro deste ano, é marcada por uma recuperação de qualidade de serviço, da imagem das Pousadas e um equilíbrio na exploração. Com efeito, o resultado bruto de exploração foi, nestes primeiros nove meses de 1978, de 25 000 contos. Este número é o comparado com o de um prejuízo de 9 000 contos em 1977 e 22 000 em 1976.

A importância das Pousadas pode ser medida em 1979 por um volume de vendas de cerca de 270 000 contos, uma rede de 25 estabelecimentos, com 350 camas e cerca de 600 trabalhadores. Em termos qualitativos as Pousadas aparecem hoje não só como um instrumento de promoção turística mas também como uma infraestrutura de apoio ao turismo em todo o país. Com efeito, cerca de 50% do volume de vendas é feito em serviço de restaurante, que é utilizado não só por turistas individuais mas também pelos circuitos turísticos.

Foi ainda abordada a política comercial que aponta para uma prioridade ao turismo receptivo, com a oferta de um serviço de qualidade e o respeito de um canal de distribuição em importância crescente — as agências de viagens.

É dentro desta realidade que se integra a participação dos gestores das Pousadas no IV Congresso da Associação de Agências de Viagens e Turismo, que decorre no Hotel Montechoro.

UMA HOMENAGEM NA CASA DO ALGARVE

Em sessão solene que se realizou no dia 13 de Dezembro, pelas 21,30 horas, vai ser entregue ao académico Dr. Alberto Iria o diploma de Sócio Honorário da Casa do Algarve com que foi distinguido por esta associação regionalista.

Trata-se de um acto de reconhecimento pelos notáveis trabalhos de investigação histórica que este algarvio tem realizado sobre o Algarve.

Farão o elogio do homenageado os professores, catedráticos e académicos Manuel Viegas Guerreiro e Joaquim Veríssimo Serrão, presidente da Academia Portuguesa da História.

A sessão realiza-se na sede da Casa do Algarve, Rua Capelo, 5-2.º, Dt.º, e a ela podem assistir todas as pessoas interessadas.

A Prevenção Rodoviária Portuguesa recorda que, mesmo com pouco trânsito, não deverá conduzir descontradadamente. O previsto poderá surgir repentinamente e poderá não conseguir reagir a tempo.

tuguês, o Secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros e da Emigração, Dr. Paulo Ennes, e pelo lado canadiano o embaixador Daniel Molgat.

AINDA HÁ «PAPALVOS» A DEPENAR PELO MENOS ESCRUPULOSOS

A vaidade e a credulidade, de quem deveria usar de bastante siso, constituem por vezes motivo de fortes dissabores. Especialmente, quando se misturam devaneios donjoanescos e machistas.

Ainda não há muito um cidadão simplório, transformou-se involuntariamente no bode expiatório da rapacidade de um oportunista, que ante a exibição da sua vítima em perspectiva, que mostrou uma carteira forrada de notas de mil, logo improvisou a cobala tendente a depenar o incauto.

Confiando ingenuamente na amizade de ocasião e na mirabolante farsa em que entrava como engodo uma hipotética «garota» de 18

anos, o seródio conquistador, já entrado de anos, deixou-se atrair para o ermo, onde lhe foi extorquido o dinheiro que se fizera acompanhar.

O caso, que não é inédito, passou-se aqui nesta localidade e serve para ilustrar o facto de que não é prudente, sob qualquer pretexto, mostrar petulantemente um porta-moedas recheado, em locais escolhidos por indivíduos inescrupulosos.

O diabo, por vezes, tece-as e quando o bom senso chega, já é tarde.

Deploravelmente, casos destes repetem-se com demasiada frequência, o que pode fazer acreditar que é o «papalvo» o maior cúmplice das suas próprias desditas.

DR. ROCHETA GOMES

Para o cargo de vogal do Conselho Técnico de Registos e Notariado do Ministério da Justiça, foi nomeado recentemente o Dr. Ventura José Rocheta Gomes, nosso ilustre conterrâneo e prezado amigo, que antes exercia as funções de Conservador

do Registo Predial de Faro.

Pela distinção que lhe foi merecidamente tributada endereçamos-lhe as nossas sinceras felicitações e os nossos votos de que continue vencendo as várias etapas de uma carreira que se afigura brilhante.